

## Anúnciação

Olhamos em volta, sem saber porquê. É o primeiro dos múltiplos fins. Dizemos: que lindo dia. E, inesperadamente, chegámos ao fim. Não sabemos que passo dar. Ou seja: para onde? Ou: e agora? Alguém passa e pergunta: que está a fazer, aí, parado? não me viu? Um cão encosta-se-lhe à perna. Ele coça-lhe a orelha. E o cão lambe-lhe os dedos. Gestos sem continuidade: anunciam que todos os gestos não terão continuidade:

o anjo falou.

A mulher que vai parir tem as mãos sobre o ventre, numa carícia que a anúncio interrompeu. Espera, com a resignação dos que não sabem, a cabeça inclinada para ouvir melhor as palavras do anjo.

Crescem opacas as trepadeiras.

O que nos rodeia liberta-nos de qualquer pergunta. O mensageiro passou a anunciar que não deixaremos de ser estrangeiros. A anúncio dá-nos a estranheza que nos acompanhará a vida inteira. Diz-nos que a chegada e a construção da casa foram equívocos. Que os filhos são. Para ser mortos em nome de. As histórias transformam-se. A vingança de Aquiles restituirá a Pátroclo o texto com que nasceu. Os filhos mortos restituirão a Medeia as suas ossadas. Já não uma falta. Mas o

reconhecimento de que só o vazio [nos] espera. O tempo contraiu-se e o teu olhar passou a ver sem se voltar para trás, vê Eurídice inalcançável à sua frente, vê a parede esbranquiçada da cela, é o olhar irremediável daquele que um dia contará a história: tece e retece o esquecimento, todo o esquecimento.

### **Rosenheim**

Sabe lá onde pôr as mãos, sabe lá onde não sujar, abertas, com o peso de estarem erguidas, vão esfriando, quer lembrar-se de alguém, mas ainda não foi abandonado: o tempo do abandono nunca lhe chegará, dizer “tu” no silêncio da cela é a sua única proximidade. As mãos parecem rezar. O esperma escorreu-lhe pelos dedos, e vai secando. De manhã será ele a fazer a cama, mas não quer ver as manchas translúcidas na dobra do lençol, os seus olhos transformar-se-ão nos de um inquisidor, na procura obsessiva de um qualquer indício, o recorte da janela no soalho foi-se estreitando, até ficar reduzido a uma fresta clara, o dia começa, os olhos estão cheios de remelas, argueiros: dizia a sua avó, ele passa as costas da mão pelas pálpebras, e as remelas transformam-se numa areia que rola entre pele e pele, o anjo da anunciação não entrou pela janela, quem entrou foi o anjo camponês com a terceira luz na mão, está ali, a pouco e pouco construindo, ou melhor, concentrando a claridade malfazeja dos olhos na barriga da mulher grávida, no cobertor de lã amarfalhado aos pés da cama, na cruz tão minuciosamente tosca que torna imensa a parede: não o branco rugoso da cal, mas o branco liso da tinta. Morto.

## Um ninho de ratos

São ninhos de ratos, as palavras dos deuses: prestam-se a quase tudo. “Quase” é a fome dos ratos. Róseos, acabados de ser paridos, remexem-se na palha, passado um dia começarão a mijar: o primeiro mijo. E a palha apodrecerá. Começarão a cagar, a caganitar: a primeira merda. As palavras foram todas inventadas para eles. Mas, por enquanto, não passam de guinchos, desarticulações, surdinas. Envolve-os o halo trémulo da pele. Nua. Fresca. Ainda exposta. Uma pele no seu princípio e no seu fim.

O farol.

:

São ninhos de ratos, as palavras de qualquer poder. Nelas germinará o insaciável: os homens ser-lhes-ão o alimento. O instante da fome repetir-se-á: nem tempo de colocar uma pedra sobre outra, uma morte sobre outra, ou uma vida sobre outra.

## Rosenheim

### 1

*A mão deformada, não se pode dizer que pouse. Na colcha, nos joelhos, ou. Onde quer que seja, essa mão já não coincide: um vazio entre ela e a mesa acentua o inchaço das articulações. Num movimento descontrolado, tenta agarrar o copo: a água espalha-se no tampo de mármore. E a mão recua para o queixo, tapa a boca, quase, porque os dedos não se juntam, as articulações não deixam, há uma fresta entre o indicador e o médio, por onde se vêem os lábios entreabertos, os dentes*

*na irregularidade do seu desengonço. A este corpo sem jeito chamavam-lhe o quê?: o filho de Hilde? o tartamudo? o tonto, coitado? Ou gritavam-lhe: vem cá, fecha-me essa boca, limpa o cuspo dos lábios, vai buscar lenha: nem a intimidade de um insulto ou de um riso. De falta de nome em falta de nome, até à falta. Nítida como uma soletração. Hoje, é somente um corpo, de ninguém, que ninguém. O desenho da janela no soalho tornou-se uma nesga: está próximo o nascer do sol. Ele volta-se para a parede: não passa de um velho a remoer palavras, umas a seguir às outras: até para não continuar é preciso ter forças. O ar frio entra na cama e bate-lhe nas costas, nas nádegas, nas pernas, não sabe onde pôr as mãos, se entre os joelhos, se pousadas no lençol, se debaixo da cabeça, uma contra a outra. Abre os olhos. E descobre que os tivera fechados: abertos ou fechados tanto faz: nada mudou, nada, entre um fechar e um abrir de olhos. O rapaz, na outra extremidade do corredor, ainda não o sabe. Ainda nada sabe. Tosse. Um escarro solta-se da garganta, vem-lhe à boca, e ele engole-o. Uma, duas, três, quatro, cinco badaladas: irrompe a chiadeira dos pardais nos castanheiros: chegaram em bandos ao anoitecer e em bandos partirão com o nascer do sol: Deus é o dia-a-dia de um abandono. Atira os pés para fora da cama, os dedos tocam o chão, que dantes era de pedra e hoje é de madeira, só repara nisso quando se levanta e procura: os chinelos, onde é que os pus? Aparecem e desaparecem. Ora estão junto à cadeira, ora debaixo da mesa, ora atrás do cesto de papéis. Às vezes no parapeito da janela, um sobre o outro. Vai mijar, durante a noite levanta-se quatro e cinco vezes para mijar, são sonos quebrados, os dele: de sono a sono, o desenho da janela no soalho estreita-se um pouco mais, move-se e estreita-se, quando não há lua, um halo ténue vem da parede, dantes era o da cal: frio, hoje é o da tinta: morto, ele empurra a porta da casa de banho e acende a luz, uma lâmpada na extremidade de um fio encaracolado de onde as*

*moscas fogem espavoridas ilumina o espelho embaciado do armário, a toalha esticada de humidade, o chão de cimento, o gotejar do chuveiro.*

*Os pardais já se foram, a lua desapareceu, e o dia fixou-se, geométrico, na janela.*

:

*Começa a mijar, o jacto de urina confunde-se com o branco vidrado da porcelana, é um jacto incerto, ora molha o cimento do chão, ora cai na água da sanita. O velho tem a testa encostada à parede: o frio brilhante dos azulejos invade-lhe os ossos.*

## 2

**Os gestos apagam-te. E ficas só. Tu e a tua merda. Aprendeste a desviar uma palavra da sua eternidade: e descobriste que o vazio é um fragmento de Deus. Mas a barriga opada dos pobres não tem luz, nem misericórdia, nem amor: mãe, tenho fome. E a mulher abre as mãos e mostra-as a ninguém. Aqueles olhos grandes de abertos, numa cara só olhos, vão ser expostos à saciedade de outros olhos: como é longínqua e bela a fome, enquanto se fala a Deus, de Deus. Na parede, a amarelo, azul e dourado, o anjo anuncia, há trinta anos que está ali a anunciar a mulher que não irá parir. As cores esmaeceram. E ele não mais voará: o pintor meticuloso prendeu-o ao instante enigmático, entre o fim de um voo e o começo de outro. — Quando o comprei, parecia ter acabado de pousar, cheio do brilho de quem está prestes.**

**Deus era o dia-a-dia de uma chegada.**

**Hoje, é o dia-a-dia de um abandono**

:

**A solidão é saber o nome das coisas.**

: